

## **POSIÇÃO PÚBLICA**

### **DESLOCALIZAÇÃO DA EXPONOR**

#### **§**

As dificuldades no acesso ao mercado continuam a contar-se entre as queixas mais frequentes das empresas portuguesas, sendo a incidência mais significativa entre as pequenas e médias empresas. As razões que estão por detrás dessa situação são variadas, indo desde as limitações financeiras para estruturar o processo de distribuição por iniciativa própria até à ausência de competências, passando pela qualidade, real ou percebida, do produto que se pretende vender. Os problemas aumentam quando se ambiciona atingir a procura internacional. Em múltiplos casos justifica-se o desenho de instrumentos de política pública para, em conjunto com as empresas, tentar ultrapassar alguns desses obstáculos.

Quando se pensa no que é o padrão de especialização produtiva predominante no Norte e no tipo de empresas que constituem a sua estrutura empresarial, compreende-se, de imediato, a acuidade que têm, para esta Região, as questões apresentadas. É verdade que, felizmente, há hoje muitas empresas que conseguiram construir uma imagem de qualidade para os seus produtos e que se dotaram dos recursos humanos, financeiros e organizacionais indispensáveis para uma afirmação própria nos mercados nacionais e internacionais. Constituem uma elite cujo exemplo importa estudar mas que são, pelo menos no imediato, em número insuficiente para marcar a dinâmica da região e, ainda menos, do país. Acresce que a sua experiência é, no geral, ainda incipiente e que o volume de negócios que tem aquela origem representa apenas uma fracção, muitas vezes limitada, do total da sua facturação pelo que, mesmo essas empresas, não dispensam o apoio dos programas de política pública.

Quando um dia se fizer um balanço das medidas tomadas que mais contribuiram para a aproximação da procura ao tecido produtivo da Região do Norte, a construção da Exponor

figurará certamente entre as mais importantes. Para além do aumento da respectiva visibilidade a nível nacional, aquela infra-estrutura facilitou a milhares de empresas o seu primeiro contacto com clientes internacionais, tendo sido fundamental para a manutenção de uma balança comercial regional superavitária. Foi a partir da sua experiência nas feiras organizadas na Exponor que muitas empresas se abalançaram, posteriormente, a presenças em certames internacionais. Foi a partir da Exponor que se construíram parcerias que garantiram negócios continuados e, em vários casos, processos de internacionalização bem sucedidos.

Mas o papel da Exponor não se esgota enquanto estrutura de suporte às empresas que lá expõem. Em torno das feiras e exposições desenvolveram-se várias outras empresas ou negócios, desde a carpintaria às telecomunicações, passando pela restauração e pelas viagens, que fazem da Exponor um verdadeiro pólo económico e um referencial no panorama das infra estruturas de apoio às empresas em Portugal.

Por tudo isto, a Associação Empresarial de Portugal, na ocasião ainda designada Associação Industrial Portuense, promotora daquele equipamento é credora dos maiores elogios, por ter sido capaz de concretizar de forma tão eficaz a sua missão. Se há exemplo de boa aplicação dos dinheiros públicos e fundos estruturais, a Exponor é, sem qualquer dúvida, um deles.

É, por isso, com preocupação que a Associação Comercial do Porto tem seguido as notícias que têm vindo a público sobre a eventual deslocalização da Exponor para o Europarque. Essas preocupações só podem aumentar com a falta de comunicação por parte da AEP quanto ao modelo que pretenderá seguir. Os argumentos que até agora tiveram expressão pública são frágeis e não parecem justificar decisão tão drástica. É certo que os modelos de negócios quer dos parques de exposições quer das próprias empresas evoluíram e que, para continuar a cumprir com a sua missão, a Exponor poderia precisar de integrar novas valências e de sofrer uma remodelação profunda. Mas será essa modernização incompatível com a sua continuidade em Matosinhos? É certo que a Câmara de Matosinhos tomou, em tempos, decisões autorizando urbanizações que, de algum modo, condicionaram a expansão da Exponor. Mas, também é verdade, que já após isso, a AEP apresentou um plano para a construção de um equipamento que permitisse expandir a

Exponor e alojar todas as agências públicas ligadas às empresas. É certo, também, que se pode argumentar estar o Europarque na Área Metropolitana do Porto mas não deixa de ser verdade que não tem nem o aeroporto, nem o metro, nem o comboio, nem a indústria hoteleira nem de restauração para já não falar no Porto de Leixões, à distância que os mesmos estão da Exponor.

Por todo este conjunto de razões, a ACP sente estar a interpretar o sentir das gentes do Grande Porto e, em particular, dos seus agentes económicos quando vem publicamente manifestar a sua inquietação perante as notícias vindas a público.

De todas estas preocupações temos dado conta à Câmara Municipal de Matosinhos nas diversas reuniões tidas a propósito deste assunto ao longo do último mês. Estamos em crer que a AEP deverá, tão logo quanto possível, esclarecer as nossas dúvidas quanto ao plano de transferência da Exponor e sobre o que irá nascer no seu lugar sem o que estará a legitimar a especulação sobre o tipo de negócio em que estará envolvida.

A ACP espera que esses esclarecimentos venham a desmentir os rumores sobre a desactivação da Exponor em Matosinhos o que, no seu entender, constituiria mais uma machadada na já debilitada economia da área metropolitana do Porto e uma perda para a Região Norte, como um todo. Se assim não for, a ACP manifesta desde já a sua disponibilidade para, em conjunto com outros agentes económicos e sociais, desde empresas a associações empresariais, câmaras municipais ou associações de municípios, procurar encontrar uma solução que salvguarde o inestimável património simbólico em que a Exponor se transformou para toda a Região.

Porto e Associação Comercial,  
em 4 de Maio de 2006